



FORMA-SUJEITO: ANÁLISE DISCURSIVA DA SEÇÃO *VALORES* DA PÁGINA OFICIAL DA IGREJA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA

SUBJECT-FORM: DISCURSIVE ANALYSIS OF THE *VALUES* STATEMENT SECTION OF CONTEMPORARY CHRISTIAN CHURCH'S WEBSITE

Dilermando Costa¹

Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Resumo: Este artigo apresenta como tema o estudo da seção *valores* da página oficial da Igreja Cristã Contemporânea (ICC): uma comunidade de fé considerada inclusiva por integrar as diversidades sexual e de gênero ao protestantismo. O trabalho objetiva analisar a constituição da forma-sujeito veiculada por uma formação discursiva religioso-inclusiva à luz da Análise de Discurso (PÊCHEUX, 2014a [1969]; 2014b [1975]; ORLANDI, 1987; 2007; 2017). Para fins de análise, identificamos os *valores* da igreja, disponibilizados na página do grupo, e os agrupamos em recortes discursivos (INDURSKY, 2013), isto é, em unidades de sentido que põem em relação o linguístico, o histórico e o ideológico. Na primeira parte do texto, apresentamos a emergência das igrejas inclusivas. Em seguida, trabalhamos as noções de sujeito e de forma-sujeito na Análise de Discurso. Por fim, discutimos os resultados da análise proposta, na qual observamos que a forma-sujeito é constituída com base em cinco aspectos: obediência, valorização ao grupo, santidade, inclusão e serviço.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Forma-sujeito; Igreja Cristã Contemporânea.

¹ E-mail: diler_costa@yahoo.com.br.

Abstract: *This paper presents as a research theme the study of the values statement section of the Contemporary Christian Church's website: a community of faith considered all-inclusive for integrating sexual and gender diversities into Protestantism. This work aims to analyze the constitution of the subject-form conveyed by a religious-inclusive discursive formation in the light of Discourse Analysis (PÊCHEUX, 2014a [1969]; 2014b [1975]; ORLANDI, 1987; 2007; 2017). For analysis purposes, we identify the principles of the church, available on the group's website, and group them in discursive clippings (INDURSKY, 2013), that is, in units of meaning that put in relation the linguistic, the historical, and the ideological components. In the first part of this text, we present the emergence of all-inclusive churches. Next, we work on the notions of subject and subject-form in Discourse Analysis. Finally, we discuss the results of the proposed analysis, in which we observed that the subject-form is constituted based on five aspects: obedience, group acknowledgement, holiness, inclusion, and service.*

Keywords: Discourse Analysis; Subject-form; Contemporary Christian Church.

INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva analisar a constituição da forma-sujeito veiculada por uma formação discursiva (FD) religioso-inclusiva por meio do estudo da seção *valores* da página oficial da Igreja Cristã Contemporânea (ICC). Recorremos à Análise de Discurso (PÊCHEUX, 2014a [1969]; 2014b [1975]; ORLANDI, 1987; 2007; 2017), doravante AD, para fundamentação teórica e metodológica deste trabalho.

A ICC é uma comunidade de fé identificada como evangélica² e que apresenta como diferencial o fato de também ser classificada como inclusiva. Trata-se, portanto, de um grupo religioso que considera as diversidades sexual e de gênero como compatíveis com o protestantismo, o que é inconcebível em outras igrejas e/ou religiões³ de orientação cristã. Sinalizamos que o cristianismo como um todo está ancorado em uma concepção heterocêntrica da vida, ou seja, defende que o homem e a mulher têm constituição sexual e de gênero fixas e, como pontua Vidal (2008), complementares.

² Não diferenciamos os significantes *evangélico* e *protestante*. Optamos predominantemente pelo uso de *protestante* para sinalizar a ruptura recorrente na formação desses grupos, os quais parecem crescer pela divisão. Devido às cisões, os protestantes se constituem como comunidades de fé muito diversificadas (igrejas históricas, [neo]pentecostais, inclusivas etc.).

³ A heterossexualidade, por exemplo, é o padrão de sexualidade no catolicismo, na Igreja dos santos dos últimos dias, nas Testemunhas de Jeová etc.

Na primeira parte deste texto, apresentamos a emergência das igrejas inclusivas, o que nos remete a um movimento iniciado nos Estados Unidos no final da década de 1960. Em seguida, trabalhamos as noções de sujeito e de forma-sujeito à luz dos pressupostos teóricos da AD, estabelecendo conexões com outros conceitos teóricos. Por fim, explicamos o procedimento metodológico da pesquisa e discutimos a análise discursiva da seção *valores* da página oficial da ICC. Encerramos este trabalho com as considerações finais.

A proposta deste trabalho não é a de emitir juízos sobre a ICC ou de discutir passagens bíblicas utilizadas para ‘condenar’ as referidas diversidades. Propomo-nos, no entanto, a desenvolver uma análise a partir de *como* a seção *valores* produz sentidos na constituição da forma-sujeito - um efeito da identificação do sujeito enunciador com a FD (COURTINE, 2020 [1981]). A seguir, iniciamos a discussão pelas igrejas inclusivas.

1 A EMERGÊNCIA DAS IGREJAS INCLUSIVAS

As igrejas inclusivas configuram um movimento dissidente dentro do protestantismo, o qual rompe com a proibição de práticas e de identidades não heterossexuais na vida social e religiosa dos fiéis. Essas denominações defendem “abertamente o exercício de cargos, atividades de liderança espiritual e cuidado pastoral por pessoas LGBT” (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p. 133) - e isso destoa das práticas das demais igrejas e/ou religiões cristãs.

Neste trabalho, chamamos de igrejas heterocêntricas (MUSSKOPF, 2005) os grupos que reconhecem apenas a heterossexualidade como expressão autêntica do sujeito, além de entender o gênero como fixo e como um correspondente imediato do sexo biológico. Portanto, expressões sexuais/de gênero não validadas pelos grupos heterocêntricos são concebidas como pecaminosas e/ou passíveis de cura (MUSSKOPF, 2005; 2012; NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009; BARROZO, 2019; SILVA, 2019). Em muitas dessas igrejas, ocorrem atividades

chamadas de campanhas de cura e de libertação para que os sujeitos dissidentes da norma imposta possam ser ‘restaurados’ para viverem o que seria a pura e verdadeira (heteros)sexualidade.

É importante ressaltar que, apesar das inúmeras diferenças existentes entre as comunidades eclesiais cristãs, a oposição às diversidades sexual e de gênero parece ser um ponto de coesão entre esses grupos (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009), corroborando o posicionamento de que as referidas diversidades carecem de cura e de libertação. Por outro lado, nas igrejas inclusivas, essas diversidades dissidentes são santificadas (NATIVIDADE, 2010) e celebradas como um dom de Deus (BARROZO, 2019).

O movimento religioso-inclusivo é, com frequência, remetido à iniciativa do reverendo estadunidense Troy Perry. Em 1968 (ARNOLD, 2022; SILVA, 2019), Perry iniciou um trabalho eclesiástico voltado ao reconhecimento e à inclusão de sujeitos marginalizados, sobretudo quanto à sexualidade e ao gênero. Surgiu, na ocasião, a Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM).

Antes de fundar a ICM, o reverendo já possuía uma longa história de dedicação à fé protestante, tendo, inclusive, pastoreado duas denominações protestantes heterocêntricas. Todavia, a orientação homossexual de Troy Perry se tornou um impeditivo para que ele desse prosseguimento ao ministério religioso dentro das normas cristãs. Em duas ocasiões, após a questão de a homossexualidade vir à tona, Perry foi desligado das igrejas que pastoreava.

Depois de ver o ministério e a vida pessoal desabarem, como comentam Arnold (2002) e Silva (2019), Perry se afastou do protestantismo, o que lhe permitiu vivenciar a sexualidade de forma mais livre. Mesmo assim, ele confiava ter uma ligação com o Sagrado. De acordo com Arnold (2002), ao testemunhar um ato de repressão policial contra gays em um bar, nos EUA - episódio que incluiu a prisão de um amigo de Perry -, o ex-reverendo entendeu

que deveria iniciar um ministério religioso-inclusivo, o qual se voltaria à defesa de sujeitos dissidentes dos padrões sexuais hegemônicos.

A partir disso, “em 6 de outubro de 1968, Troy Perry realizou um culto de adoração para doze pessoas em sua casa em Huntington Park, Califórnia; isso foi nove meses antes dos tumultos de Stonewall em Nova York” (ARNOLD, 2002, p. 395, tradução livre). Após o gesto inicial de Perry, a ICM cresceu nos Estados Unidos e, posteriormente, chegou a outros países, como o Brasil. Troy Perry ganhou bastante visibilidade e “tem sido um defensor dos direitos humanos e um líder reconhecido tanto nas comunidades gays quanto nas religiosas” (ARNOLD, 2002, p. 397, tradução livre).

A proposta da ICM, bem como a de outros grupos inclusivos, não se destina ao acolhimento de sujeitos LGBTQIAP+ com vistas a uma suposta “regeneração moral” (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p. 129), mas objetiva integrá-los à comunidade eclesial sem que eles precisem negar suas identidades (ARNOLD, 2002; NATIVIDADE, 2010; BARROZO, 2019; SILVA, 2019).

Logo, não se trata de igrejas *exclusivas* de sujeitos LGBTQIAP+, como se pensava na década de 1990 (MUSSKOPF, 2012), mas de uma organização religiosa que se volta *para* esse grupo. Há, portanto, um movimento de segmentação, o qual estabelece um público-alvo específico, mas sem excluir os demais. Em outros termos, a heterossexualidade não é marginalizada; todavia, ela também não é concebida como um padrão sexual de origem divina. Ademais, como ressalta Silva (2019, p. 27, destaques do autor), “só existem igrejas *inclusivas*, agregando LGBTs e demais minorias sexuais e de gênero, por existirem igrejas consideradas *exclusivistas*”.

No Brasil, iniciativas relacionadas à compatibilização entre as diversidades sexual e de gênero e o protestantismo ocorrem desde a década de 1990. Natividade (2010) menciona ações promovidas por ativistas de diferentes grupos, assim como comenta acerca do posicionamento do pastor de uma igreja

heterocêntrica, Nehemias Marien, na luta pela inclusão de homossexuais na Igreja Presbiteriana Unida (em meados de 1990, no Rio de Janeiro). No início dos anos 2000, algumas igrejas inclusivas foram fundadas no Brasil, sinalizando o desdobramento das discussões iniciadas na década de 1990 (NATIVIDADE, 2010; SILVA, 2019).

Destacamos que as igrejas inclusivas também mantiveram a marca característica do protestantismo de crescimento pela divisão, construindo, a cada novo grupo, doutrinas e práticas específicas. A ICM, por exemplo, chegou oficialmente ao Brasil no início dos anos 2000 e, após alguns poucos anos de atividade, dividiu-se e originou a Igreja Cristã Contemporânea (NATIVIDADE, 2010; BARROZO, 2019; SILVA, 2019), a qual chamamos de ICC.

Uma vez que as diversidades sexual e de gênero ainda suscitam disputas entre as igrejas heterocêntricas e as inclusivas, julgamos importante refletir acerca da forma-sujeito que se constitui no interior de uma matriz de sentidos favorável à inclusão de sujeitos LGBTQIAP+ no protestantismo. Considerando a pluralidade de denominações inclusivas, voltamos nosso olhar para a ICC: uma das mais conhecidas e atuantes igrejas inclusivas na luta em prol da comunidade LGBTQIAP+ na atualidade.

2 SUJEITO E FORMA-SUJEITO NA ANÁLISE DE DISCURSO

A Análise de Discurso à qual nos filiamos é referida, com frequência, como uma disciplina de entremeio (ORLANDI, 2007); isto é, como aquela que objetiva discutir a produção de sentidos considerando a espessura histórica e ideológica da vida social. Para tanto, a AD estabelece diálogos com diferentes regiões do conhecimento, como o Materialismo Histórico, a Linguística estruturalista e a Psicanálise lacaniana (PÊCHEUX; FUCHS, 2014 [1975]; ORLANDI, 2007; 2017). Todavia, ela não se apropria, de forma irrefletida, de noções teóricas advindas desses campos do saber, mas busca explorá-las em

seus limites e em suas contradições (ORLANDI, 2007; LEANDRO-FERREIRA, 2020), com vistas a construir o objeto teórico *discurso*, que é, ao mesmo tempo, linguístico e histórico.

Iniciada a partir dos trabalhos do filósofo francês Michel Pêcheux, no final da década de 1960 (PÊCHEUX, 2014a [1969]; PÊCHEUX; FUCHS, 2014 [1975]), a AD provoca uma tensão no interior da Linguística estruturalista. Saussure (2021 [1916]), ao propor a separação entre a língua (a parte social/essencial da linguagem) e a fala (a parte individual/acessória), aprisionou a língua ao seu interior e liberou um sujeito falante livre. Diante disso, como crítica, a AD busca exceder os limites do sistema linguístico ao considerar que a língua é afetada pela exterioridade histórico-social, e questiona o ideal de liberdade do sujeito ao sublinhar a determinação da ideologia e do inconsciente (PÊCHEUX, 2014a [1969]; 2014b [1975]; PÊCHEUX; FUCHS, 2014 [1975]).

A teoria materialista do discurso defende que a língua não é totalmente autônoma, como pensada por Saussure (2021 [1916]), mas, sim, que possui uma autonomia relativa. Isto é, para produzir sentidos, há que se considerar as determinações históricas e ideológicas além da estrutura interna da língua. Com efeito, para a AD, a língua se torna a base material de processos ideológicos (PÊCHEUX, 2014b [1975]), movimentando-se no curso da história.

A noção de fala, por sua vez, enquanto uma apropriação individual do sistema linguístico, isto é, resultado da vontade de um falante (SAUSSURE, 2021 [1916]), assinala a existência de um sujeito psicológico, dono de seu dizer. Ou seja, a noção

[...] autorizava a reaparição triunfal do sujeito falante como *subjetividade em ato*, unidade ativa de intenções que se realizam pelos meios colocados a sua disposição; em outros termos, tudo se passa como se a linguística científica (tendo por objeto a língua) liberasse um resíduo, que é conceito de sujeito livre, pensado como o avesso indispensável, o correlato necessário do sistema. (PÊCHEUX, 2014a [1969], p. 70, destaque do autor).

A crítica proposta pela AD coloca em xeque a existência de um sistema desconectado da realidade histórico-social, bem como questiona a realização desse sistema por meio do ato individual de um sujeito. Ao propor a noção de discurso, a AD integra a língua e a fala no mesmo objeto, assim como reconhece que ele é constituído pelas determinações da história, da ideologia e do inconsciente para produzir sentidos.

A ação da ideologia (releitura que o filósofo Althusser fez do marxismo) e a presença do inconsciente (consideração de Lacan sobre a obra de Freud) põem em causa a unidade e a completude do sujeito, assim como a evidência dos sentidos (PÊCHEUX, 2014b [1975]; PÊCHEUX; FUCHS, 2014 [1975]).

Para Pêcheux (2014a [1969], p. 162), não era aceitável considerar a ideologia “acima do mundo das coisas, dos fatos econômicos”, mas, ao contrário, observá-la em seu funcionamento a partir da materialidade na qual ela se assenta. O filósofo defende “o discursivo como um dos aspectos materiais do que chamamos de materialidade ideológica” (PÊCHEUX, 2014a [1969], p. 163) e, com isso, sustenta o sujeito determinado inconscientemente pela ideologia e inscrito na história da luta de classes. A ideologia e o inconsciente, segundo Orlandi (2017; 2022), estão materialmente ligados.

Todavia, já que o sujeito não é a fonte de seu dizer, de onde emerge o discurso? Para respondermos à pergunta, é crucial considerarmos a noção de formação discursiva (FD). Para a AD, “as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas” (PÊCHEUX, 2014b [1975], p. 147), o que nos permite compreendê-la como a matriz de sentidos que possibilita o dizer, ou seja, ela é a fonte que determina “[...] o que pode e deve ser dito” pelos sujeitos (HAROCHE; PÊCHEUX; HENRY, 2020 [1971], p. 34).

A ilusão (necessária) de unidade e de completude do sujeito sinaliza que, ao enunciar, ele ignora que recorre a matrizes de sentidos para materializar, por meio de uma base linguística, a ideologia que o assujeita. A FD oferece ao sujeito sentidos que lhe parecem verdadeiros e ‘naturais’, mas que estão, com efeito, ancorados em um processo de determinação ideológica.

Recorrendo a Paul Henry⁴, Pêcheux (2014b [1975]) explica que, nas práticas discursivas, ocorre o desdobramento do sujeito em sujeito enunciador e sujeito do saber. O primeiro pode ser entendido como o locutor responsável pelo dizer, ao passo que o sujeito do saber se trata daquilo que reflete/redobra a imagem da ideologia (ALTHUSSER, 1969). O sujeito do saber se trata, portanto, da forma-sujeito (PÊCHEUX, 2014b [1975]) que se constitui no interior de uma FD e que fornece ao sujeito enunciador “o que cada um conhece, pode ver ou compreender” (COURTINE, 2020 [1981], p. 64).

A FD, portanto, constitui uma forma-sujeito (PÊCHEUX, 2014b [1975]) com a qual o sujeito enunciador deve se identificar para poder, então, construir seu discurso sob uma pretensa autonomia. Em outros termos, sujeito e sentido se constituem mutuamente (ORLANDI, 2007) pela identificação com uma FD. As FDs, porém, não são blocos monolíticos, pois também estão abertas à transformação, à contradição, ao atravessamento de outras matrizes de sentidos (PÊCHEUX, 2014b [1975]) - e isso assinala a dinâmica dos sentidos.

As diversas FDs sinalizam a existência de uma trama maior, isto é, de uma memória discursiva, que não pode ser confundida com a memória psicológica/individual (INDURSKY, 2013; COURTINE, 2014; ORLANDI, 2017). Para Courtine (2014, p. 105-106, destaque do autor), “a noção de memória discursiva diz respeito à *existência histórica do enunciado* no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos”. Esse posicionamento inscreve

⁴ No livro *Semântica e Discurso* (PÊCHEUX, 2014b [1975]), as referências às obras de P. Henry são *De l'énoncé au discours: présupposition et processus discursifs*, ronéo CNRS-EPHE, 1974, e *Le mauvais outil: Langue, sujet e discours*. Paris: Klincksieck, 1977, em particular, pp. 118-22.

o histórico na produção de sentidos, trabalha o discurso enquanto uma prática e sublinha a presença da ideologia. Logo, a relação estabelecida entre ideologia e inconsciente resulta na ilusão de completude que o sujeito ostenta.

A noção de forma-sujeito, por sua vez, põe em relação de interdependência o sujeito, o sentido, a FD e a memória discursiva, rompendo com posicionamentos idealistas que defendem a neutralidade da língua e a consciência absoluta do ser. Nesse sentido, de modo a apresentar a constituição da forma-sujeito veiculada por uma FD religioso-inclusiva, prosseguimos com a análise discursiva da seção *valores* da página oficial da ICC.

3 ANÁLISE DISCURSIVA DA SEÇÃO VALORES DO SITE DA ICC

A tríade *missão*, *visão* e *valores* está presente em muitas páginas da internet relacionadas à apresentação e à divulgação de empresas. Isso nos remete a dois pontos: os princípios de gestão da qualidade de muitas organizações quanto ao estabelecimento de uma relação de confiança com os sujeitos consumidores; e a competição acirrada decorrente de um mercado neoliberal, que tende a transformar tudo (e todos) em mercadoria.

A busca por um ideal de qualidade reflete a preocupação de muitas empresas quanto à imagem que querem comunicar à sociedade, quanto aos diferenciais que possuem para alcançar um público-alvo, bem como acerca da garantia de seus produtos e/ou serviços. Neto, Cunha e Hoffmann (2019) explicam que a busca por normas e padrões sempre esteve presente nas relações humanas, mas que se acentuou no final do século XVIII, considerando o surgimento do sistema métrico e a produção seriada.

No século XX, ainda segundo Neto, Cunha e Hoffmann (2019), surgiram diferentes organismos normalizadores, os quais propunham certificações internacionais com vistas à condução de processos com qualidade, segurança, reconhecimento internacional, resultados operacionais etc. Nessa toada, a tríade

missão, valores, visão se apresenta como uma ferramenta importante de gestão de negócios, sinalizando compromisso, qualidade e propósito para o público consumidor.

Observamos, no entanto, que a referida tríade não figura apenas na página de apresentação de empresas, mas também pode ser encontrada em páginas de comunidades protestantes, sendo a Igreja Cristã Contemporânea (ICC) um exemplo disso. Uma vez que essas comunidades eclesiais, no entanto, configuram-se como organizações *religiosas*, indagamos: qual a necessidade de explicitar essa tríade na página do grupo, já que a natureza espiritual de sua atividade não é regida por leis comerciais? Acrescentamos: como a seção *valores*, de forma específica, produz sentidos na construção de uma forma-sujeito veiculada por uma FD religioso-inclusiva da ICC?

Por meio das interrogações postas, entendemos que a ICC parece assimilar as transformações comunicacionais, organizacionais e comerciais que o neoliberalismo impõe - o que outras denominações protestantes também fazem. Como explica Cunha (2002, p. 17), “a doutrina neoliberal procura responder às aspirações/desejos que emergem na sociedade oferecendo o mercado de consumo como fonte de satisfação dessas aspirações/desejos”. Isto é, em meio a uma vasta gama de ofertas de igrejas, é necessário apresentar certo diferencial, uma proposta religiosa voltada a um público-alvo (consumidor).

Diante disso, é importante pontuar que, após a década de 1990, o universo protestante passou a investir de forma significativa em diferentes frentes de divulgação, como a comunicacional, a midiática, a fonográfica etc. de modo a estreitar os laços com os fiéis e de realizar um trabalho missionário. De acordo com Cunha (2002),

essa aproximação com o popular parece ter sido estimulada pelo mercado de consumo consagrado pelo modelo neoliberal e pelo surgimento das igrejas “neopentecostais”, que lançaram mão de um processo de

inculturação na cultura urbana. Uma das possíveis consequências deste processo tem sido o crescimento numérico das igrejas evangélicas, ou, em outras palavras, o aumento do número de adesões à fé evangélica. (CUNHA, 2002, p. 20)

Ainda hoje, muitas vezes, a estratégia de comunicação com o grande público oferece uma versão *gospel* de produtos e/ou de atividades seculares⁵, como loja de roupas, grifes de artistas, programas televisivos etc. Cunha (2002) acrescenta que as transformações no universo protestante variam desde as mídias comunicacionais até o formato de *show* em cultos religiosos.

Quanto à ICC, o gesto de análise da seção sinaliza que a FD religioso-inclusiva é atravessada por outra FD: a neoliberal, a qual alinha o protestantismo ao mercado. Nesse sentido, as categorias *missão*, *visão* e *valores*, ao figurarem na apresentação do grupo, produzem um efeito de segmentação em um mercado religioso em franca expansão. A divulgação da referida tríade aponta para a busca por uma *qualidade* nas práticas da agremiação religiosa, isto é, apesar de o grupo se dizer uma igreja para todos, ele se volta, em especial, à comunidade LGBTQIAP+.

Por restrições de espaço, limitamo-nos ao estudo da seção *valores* da página oficial da ICC por ser a parte que apresenta os princípios da igreja, bem como orientações para os sujeitos interessados em se tornar membros do grupo. Embora existam diversas referências a aspectos espirituais na seção *valores*, como veremos mais adiante, observamos práticas que são recorrentes na esfera comercial: a existência de um *slogan* (*Sorria, Jesus te aceita*); a referência a um produto da igreja (o livro *A Bíblia sem preconceitos*); o modo imperativo para a divulgação do grupo (*Divulgue nossas artes nas redes sociais*); a possibilidade de ascensão (promoção?) por mérito (*Um ministro só chegará a algum lugar depois de*

⁵ A música *gospel* é um exemplo vívido de como muitas práticas seculares são adaptadas ao universo religioso. O significante *Gospel* já produz um efeito mais comercial por vir do inglês, língua bastante utilizada no mercado fonográfico. Além disso, algumas gravadoras se referem às/aos contratadas/os por artistas, indicando a profissionalização da atividade. Na década de 1990, a banda Os Nazarenos, por exemplo, apresentava uma proposta musical e imagética que nos remetia ao grupo Mamonas Assassinas.

provado e aprovado); e a figura de um líder (*Comunicação à presidência*), que aponta para a liderança que centraliza o trabalho pastoral⁶.

No espaço eclesial da ICC, a seção *valores* se dirige ao público-alvo (como especifica a própria seção: *LGBTQIAP+*; *desigrejado*; *disposto à mudança de vida* etc.) e oferece a ele a possibilidade de recompensas espirituais, materiais e sociais desde que o sujeito se dedique à santificação pessoal e à fidelidade/ao serviço à ICC (*prática da gratidão*; *bênçãos materiais*; *crescimento espiritual*). A referida seção, portanto, apresenta como o sujeito deve ser (con)formado para se adequar ao grupo, espelhando a FD com a qual se identifica.

A seção *valores* é composta por 20 textualidades⁷, as quais chamamos de *Sequências Discursivas* (SD) - organizadas na página na forma tópicos. Iniciamos o gesto analítico por desfazer a disposição vertical das SDs para, em seguida, agrupá-las em *Recortes Discursivos* (RD), isto é, em unidades que representam “uma porção indissociável de linguagem-e-situação” (INDURSKY, 2013, p. 61). Os RDs foram construídos por meio da identificação de regularidades ao longo da seção, as quais foram destacadas em itálico (modo verbal; temas; paráfrases discursivas etc.). Ou seja, as SDs, que pareciam independentes umas das outras, foram agrupadas conforme os efeitos de sentidos que produzem.

Sinalizamos que, assim como reprodução não é mera repetição (PÊCHEUX; GADET, 2015 [1991]), a unidade de um RD não significa homogeneidade total. Em outros termos, quando observamos as regularidades, entendemos que há estabilidade, mas que também há aspectos que se transformam, que nos escapam, produzindo pontos de tensão. Buscamos, no entanto, um efeito de fechamento, mesmo cientes de que a incompletude é uma característica do discurso (ORLANDI, 2007; 2017; 2022; LEANDRO-

⁶ Em muitas igrejas protestantes, existe a figura do pastor presidente, que é o responsável pela supervisão dos trabalhos pastorais de outros líderes, bem como de uma rede de igrejas da mesma denominação.

⁷ Neste texto, as Sequências Discursivas foram reproduzidas conforme publicadas na página à época do estudo. Logo, não fizemos alterações nos textos.

FERREIRA, 2020). O primeiro RD produz o efeito de *obediência*, como veremos a seguir.

O efeito de *obediência* que estrutura o RD abaixo emerge do uso do modo imperativo nos enunciados (o que é recorrente em outras partes da seção):

SD 01 - *sorria*, Jesus te aceita: este não é apenas o “slogan”, sorrir é nosso modo de viver e acolher uma busca incessante. Aqui *reconheça* coisas boas e positivas nas pessoas. *Elogie* mais, *abraçe* mais, *sorria* sempre!

SD 02 - Paixão pelas almas evangelizar é nossa paixão. *Tenha* sempre um folheto da Contemporânea para entregar a um LGBTQIA+ pelo caminho. *Presenteie* alguém com “A Bíblia sem preconceitos”. *Divulgue* nossas artes nas redes sociais.

SD 03 - *Promova* soluções – *assuma* sua responsabilidade em tudo. Se vê algo que você pode resolver *faça*, sem esperar outra pessoa a fazer ou criticar porque não foi feito.

SD 04 - Rejeitamos a fermentação – *quebre* essa tendência maligna de fermentar, de procurar defeitos e imperfeições; *pare* de insatisfações constantes; *não contamine* o ambiente!

As prescrições determinam, entre outras coisas, um padrão de se relacionar com os outros (por sorrir, por elogiar, por não criticar etc.) e de refrear quaisquer tentativas de divisão (ao assumir responsabilidades, ao quebrar maus paradigmas, ao fugir da aparência do mal etc.). Além da determinação do que pode e do que não pode ser dito, o que aponta para um desejo de estabilidade, o RD revela um discurso autoritário (ORLANDI, 1987), isto é, há uma voz normativa que demanda obediência e não abre espaço à reversibilidade.

O sujeito religioso, no entanto, é significado como dono de seu dizer, senhor da sua consciência, que não pode ceder a possíveis inclinações ruins, mas que *precisa* se assujeitar livremente às orientações do grupo para ser parte da comunidade de fé. Assim, compreendemos que

[...] a definição de sujeito aponta para duas direções: a de ser sujeito e a de assujeitar-se. No sujeito se tem, ao mesmo tempo, uma subjetividade livre - um centro de iniciativa, autor e responsável por seus atos - e um ser submetido - sujeito a uma autoridade superior, portanto desprovido de

toda liberdade, salvo a de aceitar livremente a sua submissão. (ORLANDI, 1987, p. 242).

Da obediência resultam algumas coisas: a realização, por encontrar um lugar onde existe aceitação quanto à sexualidade/identidade de gênero e a autonomia, para ser proativo em preservar esse espaço idealizado. A desobediência resulta em culpa, pois uma eventual falta ou inconsistência na ICC é resultado da (in)ação de alguém. A falta e o erro são inaceitáveis, reproduzindo o imaginário religioso de transformação e de progresso.

Observamos que há a (con)formação de uma forma-sujeito que, por meio da identificação com o bom sujeito (PÊCHEUX, 2014b [1975]), seja fiel/leal à denominação. Essa incapacidade de contestar as determinações do grupo reitera a identificação do sujeito com a FD e nos conduz a outro aspecto: o efeito de sentido de *valorização do grupo*. Observemos o segundo RD:

SD 05 - *Amor e fidelidade* ao Espírito Santo, à Igreja Cristã Contemporânea e ao próximo.

SD 06 - *Gratidão mil vezes* é uma honra ter parte na missão de levar o amor de Deus a todos, sem preconceitos. A *gratidão* sempre retornará em bênção para sua vida.

SD 07 - Notável *lealdade* quem serve *aqui* tem uma história denominacional conquistada com sacrifício. Um ministro só chegará a algum lugar depois de *provado e aprovado*, por um longo processo de transformação, tempo e lágrimas derramadas. Seja *leal* em sua vida a estas *raízes*.

Destacamos o uso dos significantes *fidelidade* (SD 05) e *lealdade/leal* (SD 07) ao longo do RD; ou seja, ocorre a passagem de *obedecer* para *a honra de obedecer*. Na SD 05, a ICC é significada entre dois planos: o divino (o Espírito Santo) e o humano (o próximo), recuperando, pelo funcionamento da memória discursiva, a imagem histórica de igreja como a mediadora entre Deus e os humanos. Observamos, alinhados à Orlandi (1987), que há a instauração da voz de Deus, no plano espiritual, e a dos ouvintes, no plano temporal, sendo que é a ICC a responsável por fazer essa mediação.

A realização pessoal/espiritual do sujeito é apresentada na SD 06, na qual observamos que o ato de servir é significado como bênção, realização, capaz de propiciar recompensa ao sujeito. Porém, em seguida, entendemos que nem todos que recebem a palavra de fé podem fazer parte dessa agremiação, pois aí reside uma questão de conquista e de reconhecimento das diversidades (sem preconceitos).

Na SD 07, o determinante discursivo *notável* reforça que os sujeitos só crescem (são promovidos) na igreja quando se mostram leais ao grupo (à organização) e demonstram a transformação de vida (resultados); isso reforça a presença de uma FD neoliberal atravessando a FD religioso-inclusiva. Por meio de provações e de aprovações (SD 07), a meritocracia é introduzida, pois não é qualquer sujeito que pode servir (n)a ICC, mas somente aquele que tiver sucesso em um processo que testa, acima de tudo, a lealdade. O uso dos verbos provar e aprovar remete à literatura bíblica, na qual os sujeitos têm a fidelidade a Deus testada. Assim, observamos que a igreja, como portadora da voz de Deus, ganha centralidade na vida dos sujeitos.

A forma-sujeito também precisa reproduzir as práticas de santidade determinadas pela FD religioso-inclusiva, como observamos no RD que produz o efeito de *santidade*:

SD 08 - *Consagração com leitura bíblica, oração, clamor, jejum, propósitos, busca ao Espírito Santo e seus dons.*

SD 09 - *Conversão e transformação o Evangelho converte, liberta de vícios e pecados, repara traumas emocionais, transforma o caráter.* Esse é o Evangelho que pregamos aqui.

SD 10 - Referencial "*sê o exemplo dos fiéis...*" (1 Timóteo 4,12), *fuja da aparência do mal*, lembre-se de que a sua postura é reflexo da igreja do Senhor.

SD 11 - Fecundo crescimento nossa geração de crentes, infelizmente, foi sendo forjada para nunca ouvir um não. Pessoas egoístas que querem fazer de pastores e líderes seus "reféns emocionais". Atrapalham todo crescimento da igreja, entulham as fontes espirituais. Sem dúvida, *o mal da "fragilidade" tem que sair da sua vida.*

O discurso sobre a pureza é recorrente na literatura judaico-cristã, pois a santidade de Deus não pode habitar em um corpo impuro. Em termos religiosos, “é preciso que os homens, para serem ouvidos por Deus, se submetam às regras: eles devem ser bons, puros, devem ter mérito, ter fé, etc.” (ORLANDI, 1987, p. 247), o que põe em relação a pureza/santidade e a mudança de vida do sujeito. Na SD 08, as práticas de santificação acionam, na memória discursiva, as atividades de outras igrejas protestantes, produzindo um efeito de reconhecimento e de validação, pois “a superação dos infortúnios ocorre por meio da conversão, pela busca da submissão a Deus e de santificação” (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p. 137).

Na SD 09, o *Evangelho* nos remete à obra salvífica do próprio Deus (converter, libertar, reparar, transformar). O poder atribuído ao Evangelho é, portanto, de ordem espiritual (ele converte e liberta), psicológica (ele repara traumas) e social (ele transforma caráter). Além disso, observamos que o enunciado *Esse é o Evangelho que pregamos aqui* retoma duas vozes já mencionadas: no plano espiritual, entendemos que a voz que fala é a do próprio Deus (ORLANDI, 1987); no plano temporal, há uma voz coletiva, em nome da igreja, colocando o dêitico espacial *aqui* como o lugar da manifestação do Sagrado.

Na SD 10, as referências à Bíblia, direta (1 Timóteo 4,12) e indiretamente (*fuja da aparência do mal*), sublinham o assujeitamento ideológico a um Outro - maior até mesmo que a ICC; isto é, “tudo isto [o que deve ser feito] está escrito claramente naquilo a que precisamente se chama a Escritura” (ALTHUSSER, 1969, p. 108). As referências à Bíblia produzem um efeito de validação da ICC. Acrescentamos que a postura do sujeito (membro) passa a ser considerada como o reflexo da ICC, que assume, portanto, um lugar sagrado; segundo a memória discursiva, o humano foi construído à imagem de Deus, e, nas SDs 10 e 11, a boa postura do humano espelha a ICC. As SDs 10 e 11 ainda

reafirmam a ilusão subjetiva, endossando a produção de um sujeito consciente e responsável (ORLANDI, 1987; 2022), o qual merece ser responsabilizado pelas escolhas. Há total apagamento da história, da ideologia e do inconsciente na construção desse sujeito.

Além disso, a FD religioso-inclusiva gravita em torno da legitimação da comunidade LGBTQIAP+, o que não ocorre em grande parte das religiões de orientação cristã, como já comentado. Logo, a seção *valores* reforça a inclusão desse público-alvo na ICC, propondo fronteiras à forma-sujeito, como identificado por meio do RD *inclusão*:

SD 12 - *Não aceção de pessoas não incluímos apenas LGBTQIA+, somos uma denominação para todos, mas há uma atenção especial a estes.*

SD 13 - *Santidade o Evangelho não mudou, a diferença da Contemporânea para às demais igrejas evangélicas é o acolhimento a comunidade LGBTQIA+, pecado continua sendo pecado e ponto final.*

SD 14 - *Restauração da hierarquia espiritual fraturas emocionais de rejeição na comunidade LGBTQIA+, tem atrapalhado viver o princípio bíblico da autoridade espiritual. Não estrague a oportunidade de ser uma bênção aqui. Se liberte da raiz de rejeição e sirva uma vida debaixo de autoridade espiritual.*

SD 15 - *Memorável recomeço em humildade aqui chegam pessoas na condição de “desigrejados”, que já “foram algo” e alguns são escassos de humildade para viver o processo de recomeço. Nada de pressa, aprenda a construir raízes conosco.*

Na SD 12, a conjunção adversativa reafirma a segmentação destinada à comunidade LGBTQIAP+, explicitando a existência de um público-alvo determinado; contudo, outros sujeitos podem se integrar ao grupo desde que não promovam ideias excludentes. O uso reiterado da sigla explicita que a ICC reconhece as diversidades sexuais e de gênero em suas múltiplas manifestações identitárias, excedendo a redução *homo vs. hétero*, que é recorrente nos posicionamentos de igrejas heterocêntricas.

Ao mesmo tempo em que a ICC se reconhece como uma igreja evangélica, ela também se distancia desse grupo, como observado na comparação feita na SD 13. Ou seja, as *demais igrejas evangélicas* são

significadas como o lugar da exclusão (SILVA, 2019), assinalando a existência de uma alteridade indesejável e, ao mesmo tempo, constitutiva. A ICC, porém, é o lugar de acolhimento aos desprezados, apontando para um recomeço religioso, pois

todo este aparato ideológico-religioso [heterocêntrico] acarreta uma imensurável carga de culpa por parte de homossexuais que não se sentem aceitos por Deus, que lutam vorazmente contra sua identidade sexual e que, quando se aceitam, precisam curar as feridas deixadas por essa culpa. (MUSSKOPF, 2005, p. 16).

Portanto, a comunidade LGBTQIAP+ é o ponto de divergência entre a ICC e outras igrejas protestantes, pois, como vimos, as *demais igrejas* rejeitam práticas e identidades não heterossexuais (MUSSKOPF, 2005; VIDAL, 2008; NATIVIDADE, 2010; SILVA, 2019), o que resulta em “[...] uma desqualificação de modos de vivência da sexualidade e do gênero que sejam dissidentes em relação a esta norma” (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p. 125).

A comparação entre a ICC e os outros grupos faz emergir uma forma-sujeito que parece não se identificar mais com a FD religioso-tradicional - ou, ao menos, não se identificar totalmente com essa matriz de sentido. Diante disso, a forma-sujeito da FD religioso-inclusiva precisa ser ativa no processo de transformação, pois isso é algo que depende, de forma ilusória, exclusivamente do sujeito. A ilusão de ser centro de si é, mais uma vez, evocada. Como Pêcheux (2014b [1975], p. 159) pontua, entendemos que

a marca do inconsciente como “discurso do Outro” designa no sujeito a presença eficaz do “Sujeito”, que faz com que todo sujeito “funcione”, isto é, tome posição, “em total consciência e em total liberdade”, tome iniciativas pelas quais se torna “responsável” como autor de seus atos etc.

Em outras palavras, conforme a FD religioso-inclusiva, cabe ao sujeito mudar a sua vida, ser responsável e cômico de suas atitudes, o que se sustenta

“sob a forma de autonomia do sujeito” (PÊCHEUX, 2014b [1975], p. 149). A meritocracia, comum no posicionamento neoliberal, continua a se impor. Ademais, os enunciados são construídos a partir de sentidos em conflito, sinalizando o que pertence/não pertence à FD religioso-inclusiva: *LGBTQIA+ vs. todos* (SD 12); *santidade vs. pecado* (SD 13); *ICC vs. demais igrejas* (SD 13); *rejeição vs. integração por servir* (SD 14); e *desigrejados vs. enraizados* (SD 15).

No RD inclusão, a comunidade LGBTQIAP+ é associada a significantes negativos, remetendo-nos ao posicionamento excludente das igrejas heterocêntricas. A proposta da ICC, porém, sinaliza que “a negação do ser homossexual é a negação do agir salvífico de Deus em Jesus Cristo, pois nega a sua existência como ser humano, criado à imagem de Deus” (MUSSKOPF, 2005, p. 17). Ao assumir uma perspectiva positiva quanto às diversidades sexual e de gênero, a ICC celebra o relacionamento com a divindade.

Por fim, a forma-sujeito comunica o ideal de *serviço*, pois é isso que proporcionará a recompensa ao sujeito, como apresentado no RD abaixo:

SD 16 - Unidade “E era um o coração e a alma da multidão dos que criam.” (Atos 4, 32). *Seja alguém que soma, que une, que todos têm prazer em estar ao seu lado.*

SD 17 - chamado a vida abundante Vida escassa é obra do inimigo, Senhor Jesus veio dar vida em abundância (João 10, 10). Vida abundante é ter tudo (em todas áreas) e transbordar. Assim, você tem para si: cresce, prospera, conquista bênçãos (espirituais e materiais) e transborda: *impactando vidas, cumprindo seu chamado, fazendo a diferença na vida das pessoas a sua volta, sendo coluna espiritual e financeira no Reino de Deus.*

SD 18 - Pérolas de reverência no início da Contemporânea, no terceiro andar do sobrado na Lapa, havia uma placa: “Guarda o teu pé, quando entrares na Casa de Deus.” (Eclesiastes 5, 1). *Isso significa reverência ao local de culto e ao altar.*

SD 19 - Maior é sempre quem serve quem chegava ao terceiro andar do sobrado da Lapa, momentos antes de começar os cultos, me via (pastor Marcos Gladstone) com um balde, uma vassoura e um rodo na mão, lavando o banheiro. *Tenha paixão por servir.*

SD 20 - Comunicação à presidência *qualquer pessoa na denominação tem a liberdade de comunicar à presidência uma situação que ofenda valores denominacionais.* Entretanto, apenas leve algo concreto e que tenha os nomes das pessoas.

Na SD 16, a forma-sujeito precisa ser responsável e proativa, como sinalizado algumas vezes. Ao sujeito, cabe produzir um efeito de amabilidade e de doação para ser aceito pelo grupo; o significante *unidade* aponta para um ideal de reconhecimento. A citação bíblica assinala a possibilidade de os sujeitos reviverem uma experiência de unidade anterior, como os grandes heróis da literatura sagrada. Ocorre, portanto, a chance de o sujeito se tornar um com o Sagrado e com a comunidade que o aceita.

Na SD 17, a recompensa (espiritual e material) advém da dedicação à vida religiosa, como prova irrefutável de fidelidade, conforme citação bíblica; outra vez, a Escritura é evocada para validação de um dos valores da ICC. Cunha (2002) assinala que a ideia de bênçãos materiais e de prosperidade financeira resulta da influência do neoliberalismo nas igrejas protestantes; ou seja, após experiências de sucesso, cabe ao sujeito religioso alimentar a comunidade de fé espiritual e financeiramente.

A ICC é significada como o espaço da reverência, da fidelidade, da santificação por ser o local de culto e do altar (SD 18), o que, mais uma vez, evoca imagens bíblicas relacionadas ao Sagrado e à santificação. Ao rememorar o início da igreja (SDs 18 e 19), ocorre a validação (divina) acerca do crescimento da ICC: de um começo modesto à presença da igreja em quatro estados da federação⁸.

Na SD 19, o discurso é assumido por um autor, que fala da posição-pastor da ICC. A voz se apresenta como o exemplo de serviço, produzindo um efeito de presentificação (PÊCHEUX, 2014b [1975]) ao enunciar *quem chegava [...] me via com um balde, uma vassoura e um rodo na mão, lavando o banheiro*. Ocorre a citação de uma imagem bíblica, que é dupla e circular (maior vs. menor) para justificar o serviço à igreja: ao mesmo tempo em que o pastor é o

⁸ A título de exemplificação, só no estado do Rio de Janeiro são sete os templos da ICC - o número pode parecer ínfimo em comparação ao número de igrejas heterocêntricas, mas é substancial quando pensamos nos séculos de exclusão de sujeitos LGBTQIAP+ do cristianismo.

maior (a autoridade espiritual/presidente), é o menor (por servir); e isto (o servir) o faz ser o maior. Essa alternância entre polos opostos é enunciada como algo positivo, que comprova a autoridade divina.

Na SD 20, ocorre um efeito de fechamento na seção *valores*: trata-se de um serviço que funciona como o atendimento ao cliente, abrindo um canal de comunicação para relatar possíveis não conformidades quanto à atuação da organização. A indefinição sinalizada pelo significante *qualquer* produz um efeito de aproximação com a presidência da ICC. Ocorre, também, a possibilidade de atendimento quanto a uma demanda, desde que esta esteja relacionada à imagem da igreja. Reiteramos, portanto, que a seção *valores* nos remete à gestão da qualidade, a qual tem ganhado espaço no mercado neoliberal.

Por fim, ao longo de toda a seção, observamos a predominância de prescrições na construção dos *valores*; isto é, de normas que devem ser cumpridas, rigorosamente, pelos sujeitos. Nossa análise também considera que a FD religioso-inclusiva produz discursos sobre a necessidade de transformação de vida e, conseqüentemente, veicula uma forma-sujeito alinhada a essas restrições: transformar um sujeito imerso no pecado, rejeitado por outras igrejas protestantes e pertencente à comunidade LGBTQIAP+ em um sujeito santificado, equilibrado emocionalmente, próspero e orgulhoso de ser membro da ICC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento iniciado pelas igrejas inclusivas propiciou reflexões substanciais tanto a respeito das diversidades sexual e de gênero quanto acerca das igrejas protestantes. Comunidades de fé inclusivas, ainda hoje, lutam para que sujeitos LGBTQIAP+ possam vivenciar a experiência eclesial sem precisar negar suas histórias de vida. A emergência das igrejas inclusivas

se opõe, portanto, a um cenário de profunda rejeição aos dissidentes da norma heterocêntrica; por isso, essas comunidades de fé não apenas representam um movimento religioso, mas também um posicionamento político-social.

Além disso, como vimos, o protestantismo é marcado pela enorme capacidade de divisão e de adaptação, o que o aproxima do neoliberalismo. Nesse sentido, as igrejas inclusivas também parecem (cor)responder a essa aproximação ao fazerem a religião funcionar como uma realização pessoal e espiritual destinada a um público-alvo (consumidor) específico.

Confiamos que as reflexões propostas neste trabalho têm o potencial de aproximar pesquisas sobre sexualidade, gênero, discurso e religião, bem como abrir espaços para investigações sobre diferentes processos de inclusão/exclusão no protestantismo, o que se revela como questionamento fundamental para a construção de uma sociedade mais aberta a todas as diversidades.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1969.

ARNOLD, L. Troy Perry (1940-). In: BULLOUGH, V. L. (org.). *Before Stonewall: Activists for Gay and Lesbian Rights in Historical Context*. London; New York: Routledge, 2002. p. 393-398.

BARROZO, V. Pentecostalismo inclusivo e modernidade: interpretações e interpelações das Igrejas Inclusivas Pentecostais no Brasil. *Sacrilegens*, v. 16, n. 1, p. 80-103, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/27154>>. Acesso em: 29 set. 2022.

COURTINE, J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

COURTINE, J. O conceito de formação discursiva. In: BARONAS, R. L. (org.). *Análise de discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. Araraquara: Letraria, 2020 [1981]. p. 58-87.

CUNHA, M. do N. A influência da ideologia neoliberal na religiosidade evangélica. *Caminhando*, v. 7, p. 09-30, 2002.

HAROCHE, C.; PÊCHEUX, M.; HENRY, P. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, R. L. (org.). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020 [1971], p. 17-39,

INDURSKY, F. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LEANDRO-FERREIRA, M. C. Análise do Discurso. In: LEANDRO-FERREIRA, M. C. (org.). *Glossário de termos do discurso*. 1. ed. Campinas: Pontes editores, p. 23-26, 2020.

MUSSKOPF, A. S. À meia luz: a emergência de uma teologia gay. Seus dilemas e possibilidades. *Cadernos IHU em formação*, Ano 3, n. 32, p. 01 -33, 2005. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/032cadernosihuideias.pdf>>. Acesso em: 31 mai. 2022.

MUSSKOPF, A. S. *Via(da)gens teológicas - Itinerários para uma teologia queer no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

NATIVIDADE, M.; OLIVEIRA, L. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. *Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana*, n. 2, p. 121-161, 2009.

NATIVIDADE, M. Uma homossexualidade santificada?: Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. *Religião & Sociedade*, v. 30, p. 90-121, 2010.

NETO, J. B. M. R.; CUNHA, J. T.; HOFFMANN, S. C. *Sistemas de gestão integrados: qualidade, meio ambiente, responsabilidade social, segurança e saúde no trabalho*. 5. ed. São Paulo: Senac, 2019.

ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1987.

ORLANDI, E. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5. ed. Campinas (SP): Pontes, 2007.

ORLANDI, E. *Eu, tu, ele: discurso e real da história*. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, E. Forma sujeito histórica e sujeito de direito: as bases da sociedade capitalista e os gestos de interpretação. *RUA*, Campinas, SP, v. 28, n. 2, p. 377-389, 2022.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2014a [1969], p. 59-158.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2014b [1975].

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2014 [1975]. p. 159-249.

PÊCHEUX, M.; GADET, F. A língua inatingível. In: ORLANDI, E. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. 4. ed. Campinas, SP; Pontes Editores, 2015 [1991], p. 93-105.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2021 [1916].

SILVA, L. G. *O Senhor é meu pastor e Ele sabe que eu sou gay: Igrejas inclusivas em uma metrópole brasileira*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019.

VIDAL, M. *Sexualidade e condição homossexual na moral cristã*. Aparecida: Santuário, 2008.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 17 de agosto de 2022.

Aprovado em sistema duplo cego em: 20 de março de 2023.